

SOCIOGÉNESE DA SOCIOLOGIA

ENTRE O SENTIMENTO E A RAZÃO (CAPÍTULO 4)

A REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO
INDIVÍDUO / SOCIEDADE E A MUDANÇA SOCIAL

O ADVENTO DA SOCIEDADE MODERNA

SOBRE A MODERNIDADE

VERSO E REVERSO, RAZÃO E SENTIMENTO

O tema da RAZÃO traz associadas as ideias ('positivas') de PROGRESSO, INDIVIDUALISMO e LIBERDADE.

O tema do SENTIMENTO serve a exposição e a crítica do que é precebido como o Lado Obscuro da Modernidade – ALIENAÇÃO, DECADÊNCIA MORAL, DESENCANTAMENTO DO MUNDO, DESUMANIDADE – da Razão e da Racionalidade: O 'DESCONTROLO DO CONTROLO' E A 'IRRACIONALIDADE DA RACIONALIDADE'

O exemplo do pessimista Mito do Monstro de Frankenstein e a ilustração em vários filmes da história do Cinema – exemplos: 'Metropolis' de Fritz Lang, 'Modern Times' de Charlie Chaplin, 'Mon Oncle' de Jacques Tati, '2001 – Odisseia no Espaço' de Stanley Kubrick.

FERDINAND TÖNNIES

(Riep, Schleswig-Holstein, 1855 – Kiel, 1936)

COMUNIDADE E SOCIEDADE

(GEMEINSCHAFT UND GESELLSCHAFT)

FERDINAND TÖNNIES

(Riep, Schleswig Holstein, 1855 – Kiel, 1936)

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

- Cresceu em Riep (junto ao Mar do Norte), na quinta dos seus pais, num ambiente rural e provinciano.
- Estudou, sucessivamente, filosofia, história, línguas clássicas, arqueologia, economia e estatística, nas Universidades de Iena, Bona, Leipzig, Berlim e Tübingen. Doutorou-se em Filologia Clássica no ano de 1877.
- Em 1881 iniciou a sua carreira de professor na Universidade de Kiel, onde permaneceria até ao fim da sua carreira académica (que terminou com a sua expulsão em 1933, sob o governo nacional-socialista). Foi professor de Filosofia, de Ciências Morais, Economia Política e Sociologia.

FERDINAND TÖNNIES

(Riep, Schleswig Holstein, 1855 – Kiel, 1936)

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS

- Ocupou sempre um lugar relativamente marginal na universidade de Kiel graças ao facto de ser um socialista ativo e um apoiante dos movimentos proletários.
- Em 1932, Tönnies, que se mantivera toda a vida um socialista independente, aderiu ao Partido Social-Democrata [SPD] alemão (numa altura em que muitos dos seus membros abandonavam este).
- Tönnies foi fundador da Associação Alemã de Sociologia (com Weber, Simmel, etc.) e da Societas Hobbesiana: foi um dos grandes estudiosos da obra de Hobbes, que constituiu, a par de Marx, uma das suas principais fontes de inspiração.
- Tönnies foi um dos primeiros autores a realizar ‘social surveys’, assim como um dos primeiros a introduzir a estatística no estudo dos fenómenos sociais.

FERDINAND TÖNNIES

ELEMENTOS BIBLIOGRÁFICOS

- Comunidade e Sociedade (Gemeinschaft und Gesellschaft, 1887)
- A Vida e a Doutrina de Thomas Hobbes (Hobbes' Leben und Lehre, 1896)
- A Vida e a Doutrina de Karl Marx (Marx' Leben und Lehre, 1921)
- Introdução à Sociologia ou Princípios de Sociologia (Einführung in die Soziologie, 1931)

FERDINAND TÖNNIES

OS CONCEITOS DE COMUNIDADE E SOCIEDADE

- Referem-se a noções possivelmente muito antigas: a de ‘comunidade’ é claramente redescoberta em diversos domínios intelectuais durante o século XIX, surgindo em oposição à de ‘contrato’ que imperara durante as Luzes e cuja herdeira explícita é a noção de ‘sociedade’ (Nisbet, 1984).
- ‘Comunidade’ e ‘Sociedade’ (‘Gemeinschaft’ e ‘Gesellschaft’), em Tönnies, referem-se a duas formas distintas da sociabilidade humana ou a dois tipos distintos de relações sociais “positivas” (cobrem o campo das ações mútuas que visam não a destruição, mas a afirmação recíproca).
- Se bem que Tönnies afirmasse que esses conceitos correspondiam a categorias, a sua “SOCIOLOGIA PURA” (tinham natureza ideal-típica), ao aplicá-los à interpretação da mudança das sociedades ocidentais e ao considerar que esta se traduz na passagem da ‘comunidade’ à ‘sociedade’, objetiva-os e redu-los a categorias concretas e históricas.

FERDINAND TÖNNIES

AS 'VONTADES'

Tönnies recorre ao conceito de 'vontade' para esclarecer os dois tipos de relação social.

A 'VONTADE' consiste no
"fundamento psicológico da sociologia pura".

DISTINÇÃO:

'Vontade Essencial ou Orgânica' (Wesenwille)
que corresponde à 'Comunidade';

'Vontade Arbitrária, Instrumental ou Racional' (Kürwille)
que se refere à 'Sociedade'.

Correspondem a "causas ou tendências que conduzem à ação", são princípios que empiricamente se encontram sempre juntos, se bem que em tensão permanente em cada indivíduo, ambos pretendendo o domínio absoluto.

FERDINAND TÖNNIES

AS VONTADES

- **Vontade Essencial ou Orgânica’ (Wesenwille):**
 - quando esta domina, obtém-se um temperamento “fluido, brando e quente” e um indivíduo concebido como unidade – um “ser real e natural”;
 - é alegadamente dominante nas mulheres, nas crianças, nos jovens, no povo e na arte.
- **Vontade Arbitrária, Instrumental ou Racional’ (Kürwille):**
 - do seu império resulta um temperamento “seco, duro e frio” e um indivíduo que desempenha papéis e coloca máscaras – “um ser artificial”, argumenta Tönnies;
 - prevalece nos homens, nos mais velhos, nas classes cultas (de que o comerciante é o membro típico) e na ciência.

FERDINAND TÖNNIES

AS VONTADES, A COMUNIDADE E A SOCIEDADE

o “frio intelecto” e os “cálidos impulsos do coração”
ou
a RAZÃO (e o interesse) e o SENTIMENTO (e a moral)

Os homens dominados pela vontade orgânica e que habitam a COMUNIDADE são seres morais e dotados de sentimentos, enquanto os que povoam a SOCIEDADE, e sendo dominados pela vontade instrumental, são os “herdeiros” dos “seres humanos de Hobbes”. São racionais, interesseiros e destituídos de sentimentos.

FERDINAND TÖNNIES

COMUNIDADE E SOCIEDADE

As relações sociais (e os grupos que delas derivam) de tipo comunitário são concebidas como “vida orgânica e real”, enquanto que as do tipo inverso são retratadas como uma “estrutura imaginária e mecânica”.

Enquanto “toda a convivência íntima, privada, exclusiva” pode ser entendida como “vida em Gemeinschaft”, a Gesellschaft refere-se à “vida pública” e ao “mundo”.

A relação comunitária é “a forma genuína e perdurável da convivência” humana, enquanto a relação societária é “transitória e superficial”. É neste sentido, que o autor entende que a comunidade deve ser equiparada a um organismo vivo e a sociedade a um artefacto mecânico.

A comunidade é rural e antiga, a sua sucessora é urbana e recente.

...

FERDINAND TÖNNIES

COMUNIDADE E SOCIEDADE

A comunidade funda-se numa “perfeita unidade das vontades humanas” que se mantém apesar da “dispersão física” dos indivíduos.

Na sua forma mais intensa encontramos a relação de parentesco que pode ser traduzida pela ideia de uma comunidade de sangue e que é o “germe” de todas as restantes formas (menos íntimas), a saber, a relação de vizinhança (comunidade de lugar) e a relação de amizade (comunidade de espírito): a “forma de comunidade verdadeiramente humana e suprema”.

É também destas relações que nascerão, por diferenciação, os agrupamentos humanos: primeiro a família, depois a aldeia e, por último, a pequena cidade.

Também a comunidade de culto religioso e o grémio na cidade continuam a ser marcadas pela relação de Gemeinschaft. A harmonia e o consenso caracterizam estas relações e, como tal, toda a comunidade.

FERDINAND TÖNNIES

COMUNIDADE E SOCIEDADE

Enquanto na comunidade os indivíduos “permanecem unidos apesar de todos os factores que tendem a separá-los”, na sociedade eles “permanecem essencialmente separados apesar de todos os factores tendentes à sua unificação”.

Na sociedade não existe uma “unidade a priori”, nem ação alguma que “manifeste a vontade e o espírito da unidade”; pelo contrário: nela não só prevalece o isolamento como repugna e é evitada qualquer aproximação.

Na sociedade nada se dá sem a perspectiva de se receber algo de valor mais elevado em troca. Será o contrato a figura que sela esta troca na sociedade: o equilíbrio só é garantido por contratos e convenções que nada têm de natural, e pelo medo recíproco. Fora do seu âmbito, entra-se no domínio potencial da guerra de todos contra todos: “antes e fora da convenção e também antes e fora de cada contrato especial, pode conceber-se a relação de todos com todos como uma hostilidade potencial ou guerra latent”.

FERDINAND TÖNNIES

COMUNIDADE E SOCIEDADE

O comércio e a concorrência são a expressão mais pura da sociedade, a tensão e a guerra hobbesiana uma ameaça constante, mas é a cortesia a “sua regra primordial”, a regra que acompanha o cálculo exato “dos serviços, das lisonjas, dos presentes”.

A sociedade é um mundo materialista: as relações fazem-se sempre acompanhar de objectos visíveis e materiais, ao contrário da comunidade, onde dominam as palavras e os atos, e onde os objectos não se trocam com tanta frequência, mas apenas se usam e possuem em comum.

Na sociedade, a opinião pública é a única fonte de “moralidade”; na comunidade, a religião era a sua principal fonte.

O domínio da sociedade é o da urbe e o da metrópole. A primeira é essencialmente um grande centro comercial e fabril, o lugar da ciência, da cultura e das artes exploradas de forma capitalista. A segunda “representa o mercado mundial e o tráfico de todo o mundo, nela se concentram as indústrias internacionais”, nela “os jornais são de alcance mundial” e “os seus habitantes procedem de todos os pontos do globo”.

FERDINAND TÖNNIES

A ‘VONTADE’ DE TÖNNIES

Se a sociedade inaugura a era “do egoísmo, da impudicícia, da falsidade e da astúcia, do domínio da sede do dinheiro, da ambição e da ânsia dos prazeres”, também representa “a consciência contemplativa, clara e sóbria com que os eruditos e os homens cultos dos nossos dias se aproximam do humano e do divino das coisas”.

Tönnies aponta a esperança de se poder alcançar sob as condições desse último tipo de sociedade uma nova forma de comunidade. Esta surgiria do socialismo ou do “espírito cooperativo”, que na sua oponição constitui “a contracorrente de conteúdo comunitário que mais perspectivas oferece à evolução societária”.

ÉMILE DURKHEIM

(Épinal, Lorena, 1858 – Paris, 1917)

A DIVISÃO DO TRABALHO SOCIAL

(1ª edição, 1893; 2ª edição, 1901)

ÉMILE DURKHEIM

O PROBLEMA

“Quanto à questão que esteve na origem deste trabalho, trata-se das relações entre a personalidade individual e a solidariedade social. Como é que acontece que, ao ir tornando-se mais autónomo, o indivíduo vá dependendo mais estreitamente da sociedade? Como pode ser ele simultaneamente mais pessoal e mais solidário? Porque é incontestável que estes dois movimentos, por mais contraditórios que pareçam, vão prosseguindo paralelamente. Tal é o problema que nos pusemos. Pareceu-nos que o que resolvia esta aparente antinomia era uma transformação da solidariedade social, devida ao desenvolvimento sempre mais considerável da divisão do trabalho” (Durkheim, 1977a: 49).

ÉMILE DURKHEIM

A TESE

A civilização e a divisão social do trabalho progridem de uma maneira contínua e em simultâneo, em consequência do aumento regular do volume e da densidade física e moral das sociedades.

De acordo com Durkheim,
as sociedades progridem desde as suas formas mais
elementares até às mais avançadas,
por via da intensificação da vida social.

A divisão do trabalho social terá sido o mecanismo que
permitiu resolver pacificamente o problema da concorrência,
desencadeado por essa intensificação.

ÉMILE DURKHEIM

A TESE

Aderindo ao postulado darwinista, segundo o qual a semelhança dos organismos torna a luta pela vida “mais ardente”, Durkheim afirmará que a divisão do trabalho é precisamente o produto dessa luta, de que constitui entretanto um “desfecho brando”.

As sociedades diferenciam-se progressivamente não em obediência à vontade, aos interesses ou às aspirações dos homens, mas de forma objetiva, mecânica, e externa aos indivíduos – “tudo se passa mecanicamente” (Durkheim, 1977b: 51).

ÉMILE DURKHEIM

A TESE

Durkheim critica assim explicitamente os economistas e a sua alegada visão da divisão do trabalho enquanto mero mecanismo de aumento da produtividade.

Reconhece que esta é uma consequência necessária da divisão do trabalho, mas acrescenta que não reside aí a explicação do seu aparecimento.

Durkheim tem uma concepção mais ampla da DTS. Esta não corresponde a uma divisão estritamente técnica do trabalho, mas antes à divisão de funções ao nível de toda a sociedade e em todas as suas esferas (da economia, da arte, da ciência, etc.) e à especialização de todos os indivíduos. Dá-lhe ainda uma dimensão quase cósmica, ao torná-la solidária da que ocorre em todo o mundo vivo.

ÉMILE DURKHEIM

MUDANÇA SOCIAL (EVOLUÇÃO), 'TIPOS' DE SOCIEDADE E DE SOLIDARIEDADE

I - A SOCIEDADE OU TIPO SOCIAL SEGMENTAR

- É caracterizada pela SOLIDARIEDADE MECÂNICA, cujo princípio é a Semelhança.
- É o tipo mais elementar de sociedade. Consiste num “sistema de segmentos homogéneos e semelhantes entre si”:
 - Na sua forma mais primitiva, a Sociedade Segmentar tinha por base o clã (grupo de parentesco cujo principal critério não é a consaguinidade). O clã é a “horda [ou ‘segmento’ – o ‘grau zero’ da organização social] que deixou de ser independente para se tornar um elemento de um grupo mais extensor” (da sociedade segmentar, à base de clãs).

ÉMILE DURKHEIM

MUDANÇA SOCIAL (EVOLUÇÃO), 'TIPOS' DE SOCIEDADE E DE SOLIDARIEDADE

- A Sociedade Segmentar transformar-se-á no curso de uma longa evolução, evoluindo para formas territoriais. Perderá a sua base clânica ou familiar, mas persistirá sob novo formato: a aldeia, a “última molécula social”. Os segmentos sociais deixam de ser “agregados familiares” para passarem a ser “circunscrições territoriais”. Aos poucos também este tipo de Sociedade Segmentar tenderá a desaparecer sob o avanço do Tipo Organizado. Aliás, a sua resistência será menor que a evidenciada pela organização social baseada no parentesco.

...

ÉMILE DURKHEIM

MUDANÇA SOCIAL (EVOLUÇÃO), 'TIPOS' DE SOCIEDADE E DE SOLIDARIEDADE

II - A SOCIEDADE DE 'TIPO ORGANIZADO':

- É caracterizada pela SOLIDARIEDADE ORGÂNICA, cujo princípio é a Cooperação (Durkheim refere-se também, muitas vezes, à Divisão do Trabalho).

- É o tipo mais avançado de sociedade e corresponde à sociedade moderna ou, mais precisamente, ao seu futuro, uma vez que este estado ainda não teria sido totalmente adquirido; ainda chegaria o dia em que “toda a nossa organização social e política” teria “uma base exclusivamente, ou quase exclusivamente, profissional”.

ÉMILE DURKHEIM

A OBSERVAÇÃO DOS TIPOS DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Porque a SOLIDARIEDADE SOCIAL é
“um fenómeno completamente moral que,
por si próprio, não se presta à observação exata
nem sobretudo à medida”, o autor
procurará naquilo que entende ser o seu “símbolo mais
Visível”, a saber, o DIREITO,
o ponto de apoio necessário para a sua pesquisa.

Este procedimento metodológico corresponde à
aplicação de uma regra que se encontrará expressa em
‘As Regras do Método Sociológico’.

“A vida social, por todo o lado onde
existe de uma maneira durável, tende inevitavelmente a
tomar uma forma definida e a organizar-se, e o direito não é
outra coisa senão esta mesma organização, naquilo que ela
tem de mais estável e de mais preciso”.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

Durkheim define a norma jurídica como
“uma regra de conduta sancionada”,
considerando ser “evidente
que as sanções mudam conforme a gravidade atribuída aos
preceitos, o lugar que ocupam na consciência pública, o papel
que desempenham na sociedade”.

Daqui decorre
que as normas jurídicas devem ser classificadas de acordo
com as sanções que implicam. Com base neste critério,
Durkheim distinguirá dois tipos de sanção e, portanto,
dois tipos de direito: o DIREITO PENAL (ou REPRESSIVO) e o
DIREITO RESTITUITIVO.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

O DIREITO PENAL OU REPRESSIVO

O Direito Repressivo assinala a presença de uma solidariedade social de tipo mecânico.

O crime e o castigo (a pena ou sanção) são as variáveis-chave para a compreensão deste tipo de direito e da sua correspondência com a solidariedade mecânica.

De acordo com Durkheim, o CRIME consiste em “todo o acto que, num qualquer grau, determina contra o seu autor essa reação característica a que se chama pena”.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

O DIREITO PENAL OU REPRESSIVO

A PENA consiste numa
“reação passional, de intensidade graduada,
que a sociedade exerce por intermédio de um corpo
constituído sobre aqueles dos seus membros
que violaram certas normas de conduta”,
ou seja, tem a face da VINGANÇA.

Para o provar, Durkheim invoca
a proporcionalidade da pena relativamente ao crime cometido.
A seu ver, o objetivo permanente da pena é, de facto, a
vingança e a expiação, só servindo secundariamente para
corrigir o criminoso ou demover terceiros de o imitar.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

O DIREITO PENAL OU REPRESSIVO

As reações penais são variáveis; serão tanto mais pesadas quanto mais intenso for o sentimento de ultrage que o ato criminoso desperta, o que depende de dois aspectos:

- O grau da ofensa (a extensão do ato criminoso).
- O objecto da ofensa (o valor atribuído àquilo que é objecto de ofensa) constitui o cerne da explicação durkheimiana da relação entre direito repressivo e solidariedade mecânica. Se este tipo de direito consiste num conjunto de penas e estas definem o crime, este, por sua vez, corresponde sempre a uma ofensa determinada: a ofensa da 'CONSCIÊNCIA COLETIVA'.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

O DIREITO PENAL OU REPRESSIVO

Um “ato é criminoso
quando ofende os estados fortes e definidos da
Consciência coletiva”,

donde a conclusão ‘positivista’ de Durkheim:

“não se deve dizer que um ato
ofende a consciência comum porque é criminoso, mas que é
criminoso porque ofende a consciência comum”.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

A CONSCIÊNCIA COLETIVA

A principal responsável pelas similitudes entre os indivíduos (SM) é a consciência coletiva. Ela consiste, aliás, no “conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade”.

Durkheim distingue CONSCIÊNCIA COLETIVA e CONSCIÊNCIA INDIVIDUAL. De ambas dirá, todavia, que têm o mesmo substrato e são solidárias, não formando senão uma.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

A CONSCIÊNCIA COLETIVA

- Do ponto de vista formal, a consciência coletiva pode variar de acordo com:
 - o seu “volume” (o grau em que recobre a consciência individual);
 - a sua “intensidade média”;
 - o grau de “determinação” (de definição ou especificação) que apresenta.
- Do ponto de vista substancial ou de conteúdo, nas sociedades segmentares resume-se à religião.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

A CONSCIÊNCIA COLETIVA

À medida que as sociedades progridem, todos esses elementos diminuem: a consciência individual aumenta relativamente à coletiva, os estados (crenças, sentimentos e normas) desta última perdem a sua força e tornam-se cada vez mais gerais e indeterminados, obrigando a uma maior intervenção da reflexão individual para a respetiva aplicação aos casos particulares.

Isto significa que é a própria solidariedade mecânica que vai enfraquecendo, pelo que os laços sociais que dela resultam perdem a sua força.

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

O DIREITO RESTITUTIVO

Aquilo que exprime e assinala a presença da solidariedade orgânica é o direito restitutivo. A sanção, neste tipo de direito, não é expiatória como no anterior, visando agora apenas uma “simples reposição das coisas”.

Não tem a mesma relação com a consciência coletiva. O direito repressivo exprimia a força desta última, o direito restitutivo desenvolve-se à sua margem.

Surge quando a consciência coletiva enfraquece,
se bem que não constitua por isso um direito privado,
ou que só interesse aos indivíduos (as normas que contém não interessam a toda a gente ao mesmo tempo e não detêm, por isso mesmo, a força que as normas repressivas possuíam).

ÉMILE DURKHEIM

TIPOS DE DIREITO E DE SOLIDARIEDADE SOCIAL

O DIREITO RESTITUTIVO

O direito restitutivo é, assim, o sinal da própria divisão trabalho.

O direito contratual é uma variante do direito restitutivo.

O contrato é, na opinião de Durkheim, a própria expressão jurídica da cooperação. Esta envolve a reciprocidade entre dois sujeitos, que partilham tarefas no seio de uma relação determinada.

Em suma, o direito restitutivo difere do repressivo no sentido em que a violação das suas normas só suscita uma reação moderada. Tudo o que impõe é a regularidade da cooperação entre as funções ou grupos especiais e tudo o que exige, quando aquela é perturbada, é o seu restabelecimento. Dispensa a violência e a emoção que acompanhavam o direito repressivo.

ÉMILE DURKHEIM

A JUSTIFICAÇÃO DA SUPERIORIDADE MORAL DA SOLIDARIEDADE ORGÂNICA E DA SOCIEDADE ORGANIZADA

A FRAQUEZA DO ARGUMENTO:

MATERIALISMO e IDEALISMO;
INTERESSE e NECESSIDADE;
ANOMIA e CORPORAÇÕES.

MAX WEBER

(Erfurt, 1864 – 1920)

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

-

RACIONALIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

TIPOLOGIA DA AÇÃO

A AÇÃO SOCIAL,

o próprio objeto da sociologia weberiana, consiste numa conduta dotada dum sentido subjetivo (o motivo da ação é mais ou menos consciente) que lhe é conferido pelo próprio autor, o qual toma em consideração a ação de terceiros.

Distingue-se, assim, de todos os comportamentos meramente reativos.

O limite entre as condutas dos dois géneros é muito 'elástico'. Alguns tipos de ação social encontram-se na fronteira de outros.

Em particular, é esse o caso com a ação tradicional e a ação emocional.

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

TIPOLOGIA DA AÇÃO

A tipologia das formas de ação social tem natureza ideal-típica, uma vez que raramente a acção social se encontra “exclusivamente orientada para um ou outro destes tipos”, e que estes são apenas aproximativos por relação à realidade.

Esta tipologia não é, sequer, entendida como exaustiva.

Todavia, visa a universalidade: não se liga a nenhuma sociedade e época histórica particular; por conseguinte, aplica-se a qualquer uma.

Inclui quatro tipos distintos de ação.

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

TIPOLOGIA DA AÇÃO

“A acção social pode ser:

- 1) racional por relação a fins [zweckrational]: determinada por expectativas do comportamento tanto de objectos do mundo exterior como do de outros homens, e utilizando essas expectativas como ‘condições’ ou ‘meios’ para a realização de fins próprios, racionalmente ponderados, que se pretende atingir;
- 2) racional por relação a valores [wertrational]: determinada pela crença consciente no valor (ético, estético, religioso ou outro) intrínseco e absoluto duma determinada conduta, que vale por si mesma e independentemente do seu resultado;

...

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

TIPOLOGIA DA AÇÃO

- 3) afetiva [affektuel], e especialmente emocional, determinada por afectos e estados sentimentais actuais;
- 4) tradicional [traditional]: determinada por um costume arreigado” (Weber, 1993: 20).



É com base na tipologia da acção social que Max Weber constrói uma tipologia de relações sociais.

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

TIPOLOGIA DA AÇÃO

Weber define relação social como uma conduta de vários indivíduos que “se apresenta como reciprocamente referida” e que se orienta por essa reciprocidade.

O ‘conteúdo’ das relações sociais pode ser muito diverso: amor ou conflito, concorrência, erotismo ou troca, etc.

A relação social “consiste só e exclusivamente (...) na probabilidade de que uma determinada forma de conduta, de carácter recíproco pelo seu sentido, tenha existido, exista, ou possa existir”.

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

TIPOLOGIA DA ACÇÃO

Assim, qualquer relação social deixa de “existir sociologicamente quando desaparece a probabilidade de que ocorram determinadas ações sociais com sentido”. A permanência ou a transitoriedade duma relação social depende dessa probabilidade.

Esta definição não implica que haja reciprocidade do sentido atribuído à ação. Mesmo quando não existe correspondência entre os sentidos que cada um dos participantes lhe confere, pode existir (e deve existir, se se trata efetivamente de uma relação social) uma referência mútua.

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

TIPOLOGIA DA ACÇÃO

Os termos preferidos por Weber são comunalização (Vergemeinschaftung) e sociação (Vergesellschaftung):

- 1) “Chamamos «comunalização» a uma relação social quando,
e na medida em que, a atitude da ação social se funda (...) no sentimento subjetivo (tradicional ou afectivo) dos
participantes de constituir um todo”.

...

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

- 2) “Chamamos «sociação» a uma relação social quando, e na medida em que, a ação social se funda num compromisso de interesses motivado racionalmente (por fins ou valores), ou sobre uma coordenação de interesses com igual motivação.

A sociação pode fundar-se tipicamente (mas não unicamente) num acordo ou pacto racional, por declaração recíproca. Então, a ação, quando é racional, orienta-se a) racionalmente por relação a valores, segundo a crença no seu próprio carácter obrigatório; b) racionalmente por relação a fins, por antecipação da lealdade de outra parte”.

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

CASOS TÍPICOS

COMUNALIZAÇÕES (o fundamento tanto pode ser afectivo como tradicional):

- a “comunidade familiar” (o tipo “mais cómodo”);
- a “comunidade espiritual de irmãos”;
- a “relação erótica”, a “comunidade «nacional»”;
- o “grupo unido pela camaradagem”.

A comunização exige sempre o sentimento de pertença recíproca. Assim, não serve para caracterizar as situações em que os indivíduos apenas têm características idênticas (ex.: raça, religião língua).

...

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

CASOS TÍPICOS

SOCIAÇÕES (os motivos são fins ou valores):

- a troca racional por relação a um objetivo, baseada num acordo livre e sob as condições do mercado;
- a associação criada com um fim determinado, também resultante de um acordo livre entre indivíduos que visam a prossecução de interesses materiais (económicos ou não), de um modo contínuo;
- a associação que tem por base “convicções” e que resulta de uma orientação racional por relação a valores (ex.: a “seita racional”), a que é estranha a lógica dos afetos dos participantes, uma vez que o que é visado é estritamente o serviço de uma “causa”.

MAX WEBER

COMUNALIZAÇÕES E SOCIAÇÕES

Com estes conceitos, Weber pretende demarcar-se da tipologia Tönniesiana; qualquer uma destas relações tem natureza estritamente ideal-típica:

"a grande maioria das relações sociais têm em parte o carácter de uma comunização, e em parte o de uma sociação";
no seio de qualquer um desses tipos de relação pode-se desenvolver o oposto – das relações mais frias podem nascer sentimentos e a racionalidade pode marcar as relações mais íntimas.

Contudo, será que a previsão Weberiana do avanço da racionalização (que caracteriza a sociedade moderna) não leva à mesma conclusão e aos mesmos problemas da tipologia de Tönnies? ...

MAX WEBER

RACIONALIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

Para Max Weber a principal tendência e característica da Modernidade e da Sociedade Moderna é a RACIONALIZAÇÃO

Weber não nega as virtualidades deste processo, como acontece no seu ‘elogio’ da burocracia (entende que é a forma de organização racional tecnicamente superior a qualquer outra conhecida; ver Capítulo 5).

Todavia, mostra-se pessimista.

Weber não deposita na Razão e na Racionalidade as suas esperanças para o futuro: a razão não é sinónimo de emancipação nem o instrumento da “paz social”; ela não poderá pôr fim à “Guerra dos Deuses”, ou seja, ao conflito entre sistemas de valores opostos.

...

MAX WEBER

RACIONALIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

O império da razão não conduz necessariamente a uma maior autonomia e liberdade dos indivíduos, mas antes, sugere, a uma cada vez maior sujeição do indivíduo aos meios racionais que criou.

A sua preocupação principal não se dirige para a SOCIEDADE, mas antes, e conscientemente, para o INDIVÍDUO.

Esta visão weberiana da racionalidade humana e dos seus frutos evoca, assim, o velho tema da ALIENAÇÃO, uma tema caro à filosofia hegeliana e presente nas obras de grande número dos sociólogos do século XIX.

MAX WEBER

RACIONALIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

Se bem que só em Marx surja explicitamente a palavra ‘alienação’ (ver Cap. 5), o tema está presente em muitos outros autores.

O tema da alienação apresenta várias versões, mas o fundo teórico de todas elas é a ideia (quando a reflexão recai sobre o indivíduo) de que o homem pode, sob circunstâncias sociais, tornar-se estranho a si próprio, seja porque se não reconhece nas suas obras, seja porque se afastou do que de mais humano existe em si, seja por ambas as razões ao mesmo tempo.

Ser irreal, pura sombra de si, ser mutilado, reduzido, “anjo caído”, são algumas das ideias que servem para representar o ‘homem alienado’.

...

MAX WEBER

RACIONALIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

Em Max Weber, o tema da alienação surge:

- 1) Associado ao tema da REIFICAÇÃO – os meios racionais de que o homem se dotou para atingir os seus objetivos acabaram por se sobrepor a estes últimos, encerrando o homem numa prisão de fuga difícil – a “jaula de ferro da burocracia” ou o triste destino do homem dominado pela forma mais perfeita de organização (racional-legal ou burocrática) que alguma vez criou.
- 2) Associado à ideia da PERDA DA UNIVERSALIDADE HUMANA:
o desequilíbrio da ação humana e das suas formas, e o correspondente avanço na via da mera especialização.
- 3) Associado ao tema do DESENCANTAMENTO DO MUNDO:
o longo processo de queda das grandes crenças, em particular das religiosas (a razão e a ciência ter-nos-iam enviado para o “quarto de arrumos” da história).

MAX WEBER

RACIONALIZAÇÃO E ALIENAÇÃO

Weber lamenta que a racionalização, que caracteriza a sociedade moderna, tenha forçado o homem a ser um mero “funcionário”, esse ser que desempenha estritamente o seu cargo numa qualquer organização “«sine ira et studio», sem cólera e sem opinião preconcebida”, isto é, em obediência estrita aos imperativos duma razão anónima. Para trás ficam os sentimentos e a moral, ou as motivações afetivas e tradicionais.

Se bem que Weber nunca afirme em definitivo que as ações humanas seguirão um dia exclusivamente os ditames da razão, é claro na sua obra que o autor lamenta, pelo menos, que elas os sigam cada vez mais.

GEORG SIMMEL

(Berlim, 1858 – 1918)

A “TRAGÉDIA DA CULTURA”...

**... ou de como não se pode, em simultâneo, ter
“sol na eira e chuva no nabal”**

A modernidade determina a pertença de cada um não a um grupo apenas, mas a uma enorme diversidade deles. É aliás esta diversidade, bem como a correspondente ortogonalidade de perspetivas de agrupamento, que precisamente determina a aguda perceção da individualidade irrepetível de cada um... mas é ela também que determina a sua separação radical de todos os demais. Não existindo envolvimento suficiente dos indivíduos no que quer que seja respeitante à interação social, esta acaba por ficar plenamente objetivada/reificada. O indivíduo das sociedades modernas é livre, sim, mas radicalmente alienado a favor da objetividade do “regular funcionamento das instituições” ... que o tiraniza tanto quanto o liberta/separa dos demais.